LIZA MINNELLI

A INCRÍVEL E ABSOLUTAMENTE VERDADEIRA HISTÓRIA

um filme de Bruce David Klein

NAS SALAS DE CINEMA
29 JANEIRO

"Nasci e tiraram-me uma fotografia", diz Liza Minnelli, descrevendo o que é crescer sob flashes e boatos. Filha do realizador vencedor de Óscar Vincent Minnelli e do ícone Judy Garland, Liza recorda as primeiras memórias até aos anos de formação, enquanto enfrenta perguntas difíceis e expectativas desmedidas de críticos, imprensa e público. Consegue cantar e dançar como a mãe? Tem o "ar" certo para ser estrela? Sabe representar?

LIZA MINNELLI: A INCRÍVEL E ABSOLUTAMENTE VERDADEIRA HISTÓRIA mostra o que aconteceu a seguir, centrando-se nos deslumbrantes e complexos anos 1970, logo após a morte da mãe — período em que Liza enfrenta desafios pessoais e profissionais a caminho do estatuto de lenda.

Nesse percurso, procura mentores extraordinários — Kay Thompson, Fred Ebb, Charles Aznavour, Halston e Bob Fosse — que a ajudam a transformar-se de intérprete de talento bruto e herança famosa numa super-estrela madura e refinada do palco e do ecrã. Liza conquista o mundo no cinema ("Cabaret", "New York, New York", "Arthur"), em especiais de televisão ("Liza with a Z"), em concertos (Carnegie Hall, Radio City) e na Broadway ("The Act", "Chicago", "Liza's at the Palace"). A sua influência estende-se à moda, noite, arte e cultura. Pelo caminho, ganha um Óscar, um Emmy, quatro Tonys e um Grammy — e o estatuto inegável de lenda viva.

NOTA DE INTENÇÕES

Quando comecei a considerar um filme sobre Liza Minnelli, eu e a equipa vimos material recentemente descoberto e nunca antes exibido, com imagens de Liza em meados dos anos 70, quando era a "IT girl". Entre os clips, havia conferências de imprensa esquecidas. Ao observarmos uma Liza jovem a desviar perguntas de enxames de jornalistas insistentes, intrigaram-nos não só as respostas dela, mas também as perguntas. Muitas eram expectáveis ("Como foi crescer na sombra da sua mãe?"), mas havia verdadeiros "choques". Um destacou-se: um jornalista mordaz pergunta, de forma seca, "Como se sente quando a chamam feia?" Ficámos atónitos. Ali estava Liza, com vinte e poucos anos — bonita, sensual, sofisticada, urbana, encantadora — uma super-estrela que acabara de conquistar o entretenimento (numa sequência rápida: Óscar de Melhor Atriz por "Cabaret", Emmy por "Liza with a Z" e críticas arrebatadoras para uma série de concertos históricos) — e era isto que lhe perguntavam? Isso despertou a minha curiosidade para perceber o que estava por trás dessa questão e de outras semelhantes. Como era Liza percecionada então, no auge da carreira — e como reagiu a essas perceções?

Pouco depois, estas perguntas conduziram-nos a mentores brilhantes que ajudaram Liza a canalizar o seu talento considerável… amigos empáticos que a sustentaram ao negociar o legado complexo herdado dos pais icónicos — Vincent Minnelli, lendário realizador vencedor de Óscar, e Judy Garland, uma das estrelas mais duradouras de Hollywood… e depois, as contradições: privilégio e luta, força e vulnerabilidade, expectativas irreais e talento colossal — fricções que alimentaram a ascensão fulgurante de Liza, a sua resiliência e o seu lugar duradouro como uma das artistas mais originais da história do espetáculo.

ENTREVISTA AO REALIZADOR BRUCE DAVID KLEIN

Qual é a sua primeira memória de Liza como artista?
Era demasiado novo quando o Cabaret estreou para o ver no cinema, mas lembro-me dos adultos a falar sobre o filme. Recordo-me de ficar intrigado com o cartaz — agora icónico — com Liza de chapéu de coco preto, numa pose elegante, mas decadente. Havia algo em Cabaret — e na forma como os meus pais falavam sobre o filme — que soava sombrio e provocante.
Depois, quando era adolescente, saiu Arthur, e lembro-me de ficar fascinado com aquela energia frenética chamada Liza Minnelli — a mesma mulher do cartaz, de chapéu de coco. Essa experiência levou-me a mergulhar no legado de Liza — Cabaret, depois New York, New York e The Sterile Cuckoo. Fiquei completamente impressionado com o facto de a "atriz cómica leve" que contracenava com Dudley Moore ser também uma cantora, dançarina e atriz dramática brilhante. Comecei a perceber como Liza revolucionou a indústria do entretenimento nos anos 70, começando com aquela interpretação vencedora do Óscar em Cabaret.

Porque quis fazer um filme sobre Liza?
Sou um estudante obsessivo da história da Broadway e tento sempre ver as minhas estrelas favoritas nos seus papéis icónicos — Yul Brynner em "*The King and I*", Carol Channing em "*Hello, Dolly!*", Topol em "*Fiddler on the Roof*". Por isso, em 2008, quando ouvi que Liza ia voltar à Broadway com "*Liza's at The Palace*", tive de ir vê-la. Nessa altura, circulavam muitos rumores nos tablóides sobre as relações de Liza, a sua saúde e a sua voz. Tenho quase a certeza de que ninguém no público sabia o que esperar.
Então Liza entra em palco e toda a gente sustém a respiração. A música começa e ela faz o seu primeiro gesto de assinatura. Nunca vi uma plateia enlouquecer daquela maneira. Nunca.
E tive a sorte de ver os Stones, Bowie, The Who — e, na Broadway, muitas das grandes, de Bernadette Peters a Patti LuPone. A intensidade da reação a Liza foi algo extraordinário. Todos gritavam, aplaudiam, agitavam os braços, e havia homens e mulheres adultos a chorar.
Liza estava claramente a conectar-se com o público a um nível muito mais profundo do que o de um ícone comum. Perguntei a mim próprio: o que é que há nela que provoca esta resposta?
Avançando alguns anos: tinha acabado de concluir um projeto de sonho com o encenador da Broadway Lonny Price — um filme que produzi sobre "*Merrily We Roll Along*", de Sondheim (*Best Worst Thing That Ever Could Have Happened*) — e queria continuar a trabalhar na área do teatro e do palco.

A ideia de Liza como tema de um documentário foi inicialmente colocada na lista de desenvolvimento da nossa equipa pela coprodutora e fã de Liza de longa data, Dana Craig. Imediatamente, todas as memórias de infância e aquela noite de 2008 voltaram-me à cabeça. Fiquei entusiasmado com a ideia de explorar o que torna Liza um talento único e porque gera uma paixão tão profunda nos seus fãs.

Como conseguiu acesso a Liza e ao seu círculo mais próximo?
Quando a Dana, o Alex Goldstein (produtor) e eu abordámos a equipa de gestão de Liza sobre a possibilidade de fazer um filme sobre ela, não sabíamos o que esperar. A Liza estava afastada dos holofotes há vários anos. Além disso, estávamos a trabalhar num filme para a HBO sobre o investidor corporativo Carl Icahn (Icahn: The Restless Billionaire). Seríamos capazes de convencer Liza e a sua equipa de que éramos as pessoas certas para contar a sua história?
Então aconteceu algo extraordinário. Alguém da equipa de Liza disse: "Sabem, a Liza encontrou recentemente cerca de 25 horas de imagens inéditas dos bastidores, filmadas nos anos 70 durante a sua digressão europeia — querem vê-las?" Claro que sim. Assim que carregámos no "play" do primeiro rolo, ficámos deslumbrados.
À nossa frente estava esta superestrela do palco e do ecrã, bela e vulnerável, no auge dos seus poderes. Ela era literalmente a "IT girl" do mundo naquele momento. Mesmo as cenas pessoais, apenas a conviver, eram fascinantes e reveladoras. A nossa equipa captou realmente quem ela era e o que a movia. Era impossível não nos apaixonarmos por ela. Nessa altura voltámos a Liza e à sua gestão e dissemos essencialmente: há aqui um filme incrível, e é por isto que temos de ser nós a fazê-lo. Felizmente, aceitaram.

Em relação a esse vasto material de arquivo, com Liza em palco e fora dele, pode falar sobre o processo de seleção do que incluir no filme? Devia haver imenso por onde escolher!
Tivemos de analisar cerca de 25 horas de material, que variava entre atuações formais e Liza a lavar o cabelo. Havia filmagens de ensaios, conversas privadas em limusinas, momentos com a banda e visitas de figuras proeminentes da época. O processo de lidar com o material foi simples: primeiro, revimos tudo e extraímos o que fosse interessante para nós como "espectadores comuns": atuações incríveis, momentos surpreendentes ou reveladores, interações invulgares com diferentes pessoas. Queríamos sobretudo focar as imagens que captassem a "Liza real", não apenas a "personagem" de lantejoulas vermelhas e pestanas compridas.

Editámos algumas cenas preliminares com títulos como "se é terça-feira, deve ser Copenhaga", "ensaiar é um inferno" e "brincadeiras com a equipa". Depois começámos a montar a história principal. Normalmente, com artistas desta magnitude, há sempre managers e assessores de imprensa a controlar a narrativa.
Este material foi filmado por uma equipa que o marido de Liza na altura, Jack Haley Jr., contratou. Ela, por isso, sentia-se segura e mostrava-se bastante à vontade. Como documentaristas, isso deu às imagens de arquivo um toque de magia. Hoje em dia, publicações não filtradas de celebridades são comuns nas redes sociais, mas na época era extremamente raro ter imagens tão cruas e reveladoras de uma artista, ainda por cima no auge da carreira.

O filme está estruturado em torno dos mentores de Liza ao longo da vida e da carreira — porque escolheu esse caminho?
Quando se faz um filme sobre uma celebridade, há uma tendência para cair na estrutura biográfica "do berço à sepultura". Esse tipo de filme costuma desenrolar-se assim: "a celebridade nasceu aqui, fez isto, depois aquilo, ganhou este prémio, ganhou aquele…" — e tudo bem, mas sendo tão literal e cronológico, do ponto de vista narrativo o resultado tende a ser pouco inspirador.

Além disso, o público de hoje é mais exigente e informado.
Sabe distinguir entre uma hagiografia e um filme que realmente tenta dizer algo interessante sobre a pessoa retratada. Para encontrar esse "algo interessante", a minha regra é: não moldar o material com ideias pré-concebidas sobre o que o público quer ver. Deixar o material falar por si — o que é difícil e exige tempo.
Enquanto via todas as filmagens possíveis de Liza, havia uma frase que se repetia: "ele inventou-me."
Liza dizia isso frequentemente em entrevistas — referindo-se a pessoas como Fred Ebb, o compositor, e Halston, o estilista. Sempre achei um gesto de grande generosidade: uma superestrela de talento imenso dizer, na prática, "estas são as pessoas que me fizeram". Quando a entrevistámos pela primeira vez, essa expressão — "eles inventaram-me" — surgiu repetidamente, como um mantra.
O material falou por si: a história de Liza é a história de como, após a morte trágica da mãe (quando tinha apenas 23 anos), procurou amigos e mentores que a ajudaram a moldar o seu talento extraordinário.
Se pessoas como Kay Thompson, Bob Fosse, Fred Ebb, Charles Aznavour e Halston de facto "inventaram" Liza, então, para a compreender, precisávamos de compreender quem eram essas pessoas e como trabalharam com ela. Claro que, num sentido mais amplo, o filme trata do poder transformador dos mentores — especialmente quando se está aberto a isso. E Liza estava, sem dúvida, completamente aberta.

Aprendeu algo sobre Liza que o tenha surpreendido?
A maior surpresa foi perceber que, no caso dela, o privilégio era uma faca de dois gumes. Era alguém nascida na realeza de Hollywood, que apareceu num filme importante aos três anos. Os vizinhos de Liza eram "Humphrey Bogart e Betty Bacall". O seu primeiro recreio era literalmente o estúdio da MGM. Ela nasceu em vantagem — mas isso teve um preço alto. Havia expectativas enormes. A mãe, Judy Garland, era uma das maiores e mais amadas estrelas de bilheteira da história de Hollywood. O pai, Vincent Minnelli, um dos realizadores mais aclamados e influentes de sempre. Como poderia Liza estar à altura disso? Vieram as inevitáveis comparações ("conseguirá Liza igualar o talento da mãe?") e os críticos mordazes ("Liza não tem propriamente o aspeto de uma estrela de cinema").
E depois havia o legado da adição e de outros comportamentos autodestrutivos que, por vezes, representaram sérios desafios para ela. Portanto, embora muitos "títulos" sugerissem que se tornaria inevitavelmente uma superestrela, a verdade é que não era nada inevitável. Tudo isso tornou ainda mais interessante explorar como se ligou a mentores brilhantes que a ajudaram a lapidar o talento e a encontrar o seu caminho.
Outra surpresa foi perceber o quanto Liza foi pioneira. Foi uma grande estrela internacional numa era pré-redes sociais — algo muito mais difícil de alcançar, especialmente para uma mulher.
Em 1972, foi capa da Newsweek e da Time na mesma semana — impensável para uma artista de entretenimento. Não sei se hoje há paralelo, talvez apenas Taylor Swift ou Beyoncé. Foi uma verdadeira influenciadora na cultura, na moda, na música, no cinema e no teatro, e musa de criadores brilhantes como Warhol, Halston e Fosse.
Ajudou a transformar o Studio 54 no ícone que foi. Foi uma das primeiras celebridades a falar abertamente sobre adição — e as suas idas à reabilitação —, quebrando tabus na altura. Foi também uma defensora precoce na luta contra a SIDA. Perceber até onde ia a sua influência reforçou ainda mais a nossa determinação em contar a sua história.

O que espera que o público compreenda sobre Liza depois de ver o filme?
Espero que conheçam a pessoa por trás das lantejoulas vermelhas e percebam como essas duas dimensões da Liza surgiram. Espero que vejam o trabalho meticuloso que esteve por trás da construção da sua imagem icónica. Liza como amiga, amante, filha — e, surpreendentemente, uma artista humilde e ansiosa.
O meu sonho é que as pessoas saiam do cinema a dizer coisas como "uau, esqueci-me de como ela era explosivamente talentosa" e "não é preciso ser fã de Liza para gostar deste filme."

BRUCE DAVID KLEIN

É produtor, realizador e argumentista de televisão, cinema e conteúdos digitais de não-ficção. É fundador da Atlas Media Corp, sediada em Nova Iorque, onde exerce funções de presidente e produtor executivo.
No campo do documentário de longa-metragem, Klein escreveu e realizou Meat Loaf: In Search of Paradise (Universal), Icahn: The Restless Billionaire (HBO, nomeado para um Emmy) e o seu mais recente filme sobre a lenda do palco e do ecrã Liza Minnelli, Liza: A Truly Terrific Absolutely True Story, que teve estreia mundial no Tribeca Film Festival em junho de 2024, recebendo críticas entusiásticas.
Produziu ainda os aclamados documentários para cinema Robert Blecker Wants Me Dead (MSNBC Films) e Best Worst Thing That Ever Could Have Happened (Netflix), seleção oficial do New York Film Festival e atualmente com 95% de classificação "fresh" no Rotten Tomatoes.
Na televisão, Klein foi um dos primeiros inovadores da programação por cabo, responsável por séries de longa duração como Dr. G: Medical Examiner (Discovery Health / TLC), History's Lost & Found (History), How to Survive the End of the World (National Geographic), Behind the Bash with Giada De Laurentiis (Food Network), The Mind of a Murderer (Investigation Discovery), Alien Invasion (Discovery Channel) e Hotel Impossible (Travel Channel).
Klein moderou e participou em inúmeros painéis de organizações como a NATPE, RealScreen, Producers Guild, NYU Film School e festivais de cinema e televisão em todo o mundo.
O seu trabalho foi destacado em publicações como The New York Times, Variety, Crain's Business, Hollywood Reporter, Entertainment Weekly e World Screen News.
É membro da National Academy of Television Arts & Sciences, membro fundador da Non-Fiction Producers Association (NPACT) e integrou durante vários anos o Comité Executivo da National Association of Television Program Executives (NATPE).

FILMOGRAFIA

CINEMA

- Meat Loaf: In Search of Paradise (2007) – Realizador, Produtor
- Robert Blecker Wants Me Dead (2008) – Produtor
- Best Worst Thing That Ever Could Have Happened (2016) – Produtor
- Icahn: The Restless Billionaire (2022) – Argumentista, Realizador, Produtor
- Liza: A Truly Terrific Absolutely True Story (2024) – Argumentista, Realizador, Produtor

TELEVISÃO

- Breaking Vegas: The True Story of the MIT Blackjack Team (2004) – Argumentista / Realizador
- Dr. G: Medical Examiner (2003–2012) – Produtor Executivo
- Hotel Impossible (2012) – Produtor Executivo
- Evacuate Earth (2012) – Produtor Executivo
- How to Survive the End of the World (2013) – Produtor Executivo
- Roar: The Most Dangerous Movie Ever Made (2017) – Produtor Executivo
- The Mind of a Murderer (2016) – Produtor Executivo

FICHA TÉCNICA

Escrito, Produzido e Realizado por: BRUCE DAVID KLEIN
Produzido por: ALEXANDER J. GOLDSTEIN
Produzido por: ROBERT RICH
Coprodutora: DANA CRAIG
Coprodutores: TOM D'ANGORA, MANNY KLAUSNER, WILLETTE KLAUSNER
Produtora Executiva: DORI BERINSTEIN
Direção de Produção: SHEILA CABANO, ABBY STRAUSS
Direção de Produção Adicional: DONNA FERRY
Produtores Associados: NELDA YAW BUCKMAN, DREW DESKY, DANE LEVENS, ALAN SEALES
Diretores de Fotografia: AXEL BAUMANN, WOLFGANG HELD
Montagem: JAKE KEENE, ALEXANDER J. GOLDSTEIN

IMPRENSA

VARIETY – OWEN GLEIBERMAN

"A vida de Liza Minnelli revela-se tão radiante quanto a sua arte no cativante documentário de Bruce David Klein… Michael Feinstein, amigo próximo de Liza, que é entrevistado ao longo do filme, funciona como um narrador-bardo psicológico fascinante…

Ao entrar num documentário sobre Liza Minnelli, a imagem cliché que trazemos pode ser a de alguém problemática, marcada, um reflexo da mãe, igualmente intensa e auto-destrutiva…

Mas uma das revelações de Liza: A Truly Terrific Absolutely True Story é que, apesar de Liza ter vivido convulsões e fardos, também teve uma vida de extraordinária alegria. Aos 77 anos, com uma franqueza de quem ainda "está aqui", é entrevistada ao longo do filme e testemunha que não foi uma 'Judy Garland – Edição Júnior Desfeita'…

O filme mostra também, de forma cativante, como o primeiro mentor de Liza não foi a mãe, mas o pai — o grande realizador Vincente Minnelli… Liza não tenta ser o relato definitivo da carreira artística de Liza Minnelli… O documentário dedica-se — e com razão — a encontrar a essência de Liza na sua relação com o público ao vivo. Vemo-la absorver a energia da plateia como se fosse ar, devolvendo-a como um brilho celestial."

DEADLINE – PETE HAMMOND

"Juntem à lista de documentários imperdíveis deste setor Liza: A Truly Terrific Absolutely True Story, claramente com a bênção da própria estrela, já que é entrevistada extensivamente.

O foco é, em última análise, como ela se tornou a sua própria pessoa, especialmente a forma como conseguiu navegar o foco público após a morte trágica da mãe, Judy Garland…

O realizador, argumentista e produtor Bruce David Klein tem aqui muito mais do que a típica história biográfica linear de uma estrela. Ajuda, claro, ter a própria Liza a ancorar o relato numa nova entrevista. O que distingue este filme é a descoberta — de forma quase milagrosa — de 25 horas de filmagens inéditas dos bastidores de uma digressão europeia nos anos 70, registadas por uma equipa contratada pelo então marido, Jack Haley Jr.

É precisamente o período auge do sucesso, desgostos, adições, relações, casamentos, cinema, televisão e palcos — tudo o que definiu Minnelli como uma das maiores da sua geração.

Ver esse talento saltar do ecrã, mesmo em fragmentos, é relembrar o quão deslumbrante ela foi no seu auge. Agora, aos 78 anos e depois de tudo o que viveu, incluindo problemas de saúde (aqui não detalhados), continua inconfundivelmente Liza. Este primeiro olhar aprofundado sobre a sua vida e carreira é obrigatório para fãs e um retrato esclarecedor mesmo para quem não o é. Klein evita o formato típico de "cabeças falantes", trazendo as pessoas certas para o ecrã — com muito a acrescentar sobre o tema — incluindo a melhor amiga Mia Farrow, Jim Caruso, Ben Vereen e o compositor de Cabaret John Kander. Todos, e especialmente Feinstein, articulado e informado, são fascinantes de ver. Klein usa magistralmente todo o material bruto, bem como generosos excertos de atuações, incluindo apresentações com a mãe, Judy Garland, que parecem quase uma competição entre ambas… No geral, é um trabalho digno… Klein consegue colocar tudo em perspetiva num filme muito envolvente sobre uma estrela que, contra todas as probabilidades, sobreviveu — e ainda hoje está pronta para contar a sua verdade."

THE HOLLYWOOD REPORTER — DAVID ROONEY

"Quem já viu Liza Minnelli atuar sabe que, embora o amor do público seja o seu oxigénio, o amor que ela devolve é igualmente essencial para quem é. Essa simbiose é a fonte de energia que ilumina o retrato documental cuidadosamente montado por Bruce David Klein, Liza: A Truly Terrific Absolutely True Story — um título apropriado para uma homenagem a uma mulher que nunca conheceu uma frase que não pudesse terminar com superlativos… Klein raramente se afasta da admiração, mas também não ignora os desafios de nascer sob os holofotes, viver com comparações constantes com a mãe, Judy Garland, e conquistar o seu próprio espaço enquanto cada romance falhado, casamento desfeito e queda na dependência se tornavam isco para os tabloides.

Não é hagiografia quando a generosidade da própria estrela impregna todo o filme. Nervosa, trémula mas ainda cheia de faísca na entrevista central (onde mostra ter ideias firmes sobre ângulos de câmara), Minnelli dá a impressão de nunca se conter — e de ser sempre autêntica, mesmo quando isso é também performance. O filme combina uma grande riqueza de material de arquivo com acesso íntimo à protagonista e às pessoas mais próximas dela, construindo um retrato magnífico de uma sobrevivente lendária do showbiz — calorosamente celebratório, mas inegavelmente autêntico."

THE WRAP — ELIZABETH WEITZMAN

"Como ícone, Bruce David Klein não podia ter escolhido sujeito melhor. Como se vê no seu encantador documentário Liza: A Truly Terrific, Absolutely True Story, Liza Minnelli trabalhou sem parar durante meio século.

A fama, a adoração, o respeito: tudo foi conquistado, passo a passo, com dor e esforço. Minnelli mais do que merece um documentário centrado no seu talento e dedicação imensos… Ter a oportunidade de vê-la no auge é realmente uma experiência. Klein parece adorá-la sem reservas, e encara o seu trabalho como uma missão: fazer com que cada membro da audiência sinta o mesmo. Montou um notável mosaico de material antigo e de amigos de longa data que contextualizam cada fase: falam de quem ela era na altura e vemos isso com os nossos próprios olhos.

A amiga de infância Mia Farrow leva-nos a uma sessão fotográfica da adolescência; o compositor John Kander recorda colaborações musicais como Cabaret; Ben Vereen emociona-se ao lembrar o romance entre ambos; e o músico Michael Feinstein é o melhor guia de todos, surgindo em cada capítulo com uma história divertida, uma memória afetuosa ou — quando questionado sobre o quarto marido de Liza, David Gest — um comentário mordaz. Também ouvimos Liza de forma intermitente… afiada, divertida e encantadoramente autoritária nas entrevistas, dizendo a Klein onde colocar a câmara e como montar certas imagens históricas. Ele, sabiamente, obedece — acrescentando mais uma camada de respeito a um filme já transbordante de afeto. A direção generosa e cuidadosa de Klein, combinada com a montagem excecional de Alexander Goldstein e Jake Keene, aproxima-nos tanto quanto possível da magia eletrizante de um espetáculo de Liza. O resultado final não é uma biografia exaustiva, mas uma homenagem há muito merecida — e, de facto, verdadeiramente maravilhosa."

CONTACTOS

LOU LOUÇÃO / DISTRIBUIÇÃO

962 199 571
distribuicao@zeroemcomportamento.org

ZERO EM COMPORTAMENTO

PROJECTOS PARALELOS

zeroemcomportamento.org

ATLAS MEDIA CORP
TV • FILM • DIGITAL

CINETIC

Zeitgeist FILMS

KINO LORBER

KII ARENS

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

ICA INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL